

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM “GERMINAL”

MENEZES, Ana Paula de Almeida
annapaulamenezes1@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Cesária de
cesariaoliveira@hotmail.com

BARRETO, Maria Luciene Ferreira
lecia.barreto@bol.com.br

RESUMO

Este artigo científico tem como finalidade analisar a obra literária “Germinal”, de Émile Zola, observando a representação social que o autor faz da época, mostrando o início das idéias socialistas e do movimento de lutas de classes na França do século XIX. Neste romance, o escritor naturalista busca retratar a luta por melhores condições de vida e dignidade dos trabalhadores das minas de carvão no interior da França, denunciando as péssimas condições de trabalho a que eles eram submetidos. Assim, neste trabalho, dialogando com a Sociologia da Literatura, as autoras procuram interpretar a forma como Zola analisa, por dentro, a sociedade da época, pintando um retrato realista da vida daqueles mineradores e de suas famílias, ao mesmo tempo em que mostra a exploração e a opressão das classes menos privilegiadas pelas elites decadentes daquele século. É possível perceber no romance de Zola a influência das teorias científicas do período como o determinismo e o materialismo histórico marxista, tendências que marcam a estética Realista-naturalista na literatura.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura, Sociologia, Realismo, Romance, Verossimilhança.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM “GERMINAL”

De acordo com Antonio Cândido (2000, pg.18), a literatura e a sociedade têm grande papel no contexto histórico, visto a influência do meio social sobre a obra de arte ou vice-versa. Para tal contexto pode se chegar a uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista que em geral predomina. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte interpreta o meio, cria o seu público e suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas.

Antonio Cândido (2000, pg.19) ainda comenta que o estudo que diferencia a literatura e a sociedade consiste em primeiro estudar em que medida a arte é expressão da sociedade, e segundo, em que medida esta é social, ou seja, interessada nos problemas sociais. Para Cândido, no momento atual, verificar que a literatura exprime a realidade é considerado sem questionamento, porém houve época que isto foi visto como fundamental. Na França, Anne Louise Germaine de Stael, mais conhecida como “Madame de Stael”, foi considerada quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade de que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre, mostrando assim seu interesse nas questões sociais.

No século XIX, os pesquisadores não acrescentaram muito além desta verificação de ordem geral, adequada mais aos panoramas do que aos casos concretos. A segunda tendência com base em conteúdos de ordem moral ou política, resulta praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo (moral e política) e que esta é a medida do seu valor. Porém, verifica-se que é mais afirmação de princípio do que hipótese de investigação. Segundo a Sociologia, as duas tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social em dois sentidos, dependendo da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em diversos graus de elevação. Além disso, produz sobre os indivíduos um efeito

prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Tal acontecimento decorre da própria natureza da obra e independente do grau de consciência que os artistas e receptores da arte possam ter a respeito.

Por outro lado a posição do artista é um aspecto da estrutura da sociedade. Importa averiguar como a posição do social atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, envolvendo não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas e finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas. Hoje, sabemos que a obra exige necessariamente a presença do artista criador.

A arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valor do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo. À medida que voltamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras. Em primeiro lugar determinando a ocasião da obra a ser produzida; em segundo, julgando a necessidade de sua produção; em terceiro, analisando se vai ou não se tornar um bem coletivo.

A integração é um conjunto de fatores que tende a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, ou seja, as diferenças existentes entre uns e outros. Esses processos são complementares, pois dependem da socialização do homem. A arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas.

Assim, no século XIX, o escritor Émile Zola busca representar em sua obra “Germinal” a expressão da vida política e social, retratando a vida dos mineiros de carvão no interior da França, narrando de forma romanesca toda a luta dos trabalhadores por melhores

condições de vida e de trabalho. Tudo isso acontece numa época marcada pelo liberalismo econômico, quando não existiam formas de se proteger os direitos dos trabalhadores.

O romantismo, que predominou na literatura durante o início do século XIX, caracterizou-se pelo domínio das emoções derramadas, repleto de coincidências incríveis. O realismo veio se contrapor à estética romântica, ao tentar trazer para o romance uma visão mais realista fazendo com que esta representação fosse o mais verossímil possível.

Na literatura, o realismo foi o movimento que regeu a segunda metade do século XIX, enquanto o naturalismo é a radicalização do realismo. Pode-se dizer que as descobertas das ciências naturais combinadas com o estilo realista do escritor Flaubert e com o positivismo (doutrina que pregava a lógica) do pensador Taine deram origem ao naturalismo.

Essa nova escola literária baseava-se na observação fiel da realidade e na experiência, mostrando que o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. Os romances naturalistas se destacam pela abordagem extremamente aberta do sexo e pelo uso da linguagem falada. O resultado é um diálogo vivo, que na época foi considerado até chocante, de tão inovador. Ao ler uma obra naturalista, tem-se a impressão de estar lendo uma obra contemporânea, que acabou de ser escrita, como por exemplo no caso das atuais produções realistas “Cidade de Deus” e “Carandiru”.

O naturalismo expandiu-se para outras artes. Na pintura, um exemplo naturalista é o famoso quadro de Van Gogh, “Os Comedores de Batatas” (1885): aqueles camponeses holandeses são muito parecidos com os mineiros franceses de “Germinal”. No teatro, o naturalismo exerceu mudanças marcantes, com o surgimento do diretor, do cenógrafo e do figurinista. Até então, o próprio ator escolhia suas roupas, um único cenário era usado para diversas montagens, e não estava definida a posição do diretor como coordenador de todas as funções.

O francês Émile Zola foi o idealizador do naturalismo e o escritor que mais se identificou com ele. O romance experimental (1880) é considerado o manifesto literário do

movimento. As leituras de Zola sobre a teoria evolucionista de Darwin (A Origem da Espécie foi publicada em 1859), a filosofia da arte (1865), de Taine, e a introdução ao estudo da medicina experimental (1865), de Claude Bernard, levaram-no a escrever *Thérèse Raquin* (1868), “um grande estudo fisiológico e psicológico”. O que Claude Bernard tinha desvendado no corpo humano, Zola iria desvendar na sociedade. Outras influências fortes em seu trabalho, nesse sentido, seria a obra de Balzac (que havia realizado uma verdadeira radiografia da sociedade francesa com a série de romances, A “Comédia Humana”, concluída em 1864) e as idéias socialistas em ascensão (O Manifesto Comunista de Marx e Engels é de 1848). Em 1871, Zola dava início ao seu grande projeto, a série “Os Rougon- Macquart”.

À crítica de ser marxista, Zola, responde da seguinte forma: “estou sendo considerado um escritor democrático, simpatizante do socialismo, mas não gosto do rótulo. Se quiserem me classificar, diga que sou naturalista. Vocês se espantam com as cores verdadeiras e tristes que uso para pintar a classe operária, mas elas expressam a realidade. Eu apenas traduzo em palavras o que vejo; deixo para os moralistas a necessidade de extrair lições. Minha obra não é publicitária nem representa um partido político. Minha obra representa a verdade”.(Émile Zola).

Em 1880, “Nana” faz grande sucesso em virtude do tema ousado (a prostituição de luxo) e da abordagem realista das personagens. Mas o romance que sintetiza toda a obra de Zola é “Germinal” (1885). Para escrevê-lo, o autor não se contentou com pesquisa: foi direto à fonte. Passou dois meses na região, onde trabalhou como mineiro. Viveu nas mesmas casas em que os operários viviam, comeu e bebeu nas mesmas tavernas, para se familiarizar com o meio. Sentiu na carne o trabalho sacrificado, a dificuldade em empurrar um vagonete cheio de carvão, o problema do calor e da umidade dentro da mina, o trabalho insano que é necessário para escavar o carvão, a promiscuidade das moradias, o baixo salário e a fome. Além do mais, acompanhou de perto a greve dos mineiros, e é por esse motivo que sua narração é tão impactante. A força de “Germinal” causou enorme repercussão, consagrando Émile Zola

como um dos maiores escritores da época. Nesta obra, o autor tenta representar o germe da transformação social, sendo motivado principalmente pela fé na modificação do mundo.

A Revolução Francesa de 1789 não solucionara os problemas do povo, que buscava igualdade, fraternidade e solidariedade, visto que, quase cem anos depois, as condições de vida continuavam muito difíceis. A burguesia havia tomado o poder e, juntamente com a nobreza, se tornara a classe dirigente da França.

A casa dos Grégoire, conhecida como a Piolaine, ficava a dois quilômetros de Montsou, na estrada de Joiselle. Das vastas terras que possuíam só restavam trinta hectares. A fortuna da família – quarenta mil francos de renda – estava empregada em ações das minas de Montsou. A companhia das Minas de Montsou fora criada em 1760, reunindo os três grupos de concessionários em um só. Os anos seguintes não foram bons houve o desenrolar da Revolução Francesa e a seguir a queda de Napoleão. Quem lucrou com a empresa foi Leon Grégoire: o pequeno investimento de seu bisavô multiplicou-se espantosamente. O capital inicial passa a render cem por cento em 1820: dez mil francos; 1844, vinte mil; 1850, quarenta mil, e havia dois anos os dividendos atingiram a cifra extraordinária de cinquenta mil francos. Em um século, o capital inicial havia centuplicado.

Na citação acima, observa-se o quanto a burguesia lucrou em sessenta anos, através da exploração dos operários. Apesar da oscilação do mercado financeiro, a família “Grégorie”, representada no romance de Zola, tinha uma fé inabalável em sua mina porque acreditava no valor da terra, a qual era extraída por gerações de mineiros famintos. No romance, Zola expõe a realidade dos trabalhadores da mina “Voreux”, demonstrando a dureza e as agruras do ofício.

A pequena burguesia e o operariado, no entanto, eram ignorados pelo poder dominante. A miséria era violenta, o salário dos trabalhadores mal dava para sobreviver e as lutas em favor da democracia e da igualdade social foram se acirrando, alimentadas pela difusão das idéias socialistas. Podemos acompanhar uma das primeiras lutas do movimento operário moderno e as influências sobre esse movimento causadas pela fundação da Primeira Internacional, a famosa associação criada por Karl Marx em 1864 para reunir os trabalhadores do mundo todo. Enfocando os operários das minas de carvão do norte da França, o autor denuncia as péssimas condições de trabalho e mostra o início da luta de classes entre

proletariado e burguesia. Ao mesmo tempo, essa abordagem política e social é humanizada pelo estudo das reações das personagens diante de sua situação: os acontecimentos descritos na obra são permeados pelas paixões e conflitos humanos em seu estado mais puro - o amor, o ciúme, a traição, a fome, miséria e as lutas entre grupos de pessoas de classes sociais diferentes.

A obra “Germinal” apresenta a personagem “Étienne Lantier”, que narra sua chegada à região descrita em busca de trabalho e conhece a família Maheu, composta de mãe, pai, avô e quatro filhos. Catherine, a filha mais velha da família, trabalhava na mina desde os oito anos e já estava com quinze anos quando Étienne a conheceu. Os Maheu, que levavam uma vida bastante difícil e sacrificada, trabalhavam na Companhia das Minas de Montsou desde que essa havia sido fundada há cento e seis anos. O avô, chamado por todos pelo apelido de Boa Morte, aguardava sua aposentadoria com ansiedade, pois esta viria beneficiar não só a ele como também a todos daquela família que passariam a ter uma renda a mais. Cada salário era esperado com ansiedade no fim do mês e, mesmo assim, era pouco para o sustento da família, que necessitava da ajuda de todos os membros para a manutenção da casa, pois viviam em extrema miséria.

Faz muito tempo, sim. Eu não tinha oito quando comecei, e agora tenho cinquenta e oito. Fiz de tudo lá embaixo; puxei, carreguei vagonetes com carvão e durante dezoito anos fui britador. Então, por causa das minhas pernas, me puseram para aterrar, desaterrar, fazer consertos, até o dia em que me tiraram lá debaixo por ordem do médico. E há cinco anos sou carroceiro. Que tal? Cinquenta anos de mina, quarenta e cinco lá no fundo!

O romance naturalista é marcado pela vigorosa análise social a partir de grupos humanos marginalizados, em que se valoriza o coletivo, procurando enfatizar a natureza animal do homem. Antes de usar a razão, deixa-se levar pelos instintos naturais, não podendo ser reprimido em suas manifestações instintivas, como pelo sexo e pela moral da classe dominante.

A constante repressão leva às taras patológicas, tão ao gosto naturalista. Em consequência, esses romances, erroneamente taxados por alguns de pornográficos, são mais

ousados, apresentando descrições minuciosas de atos sexuais e tocando, inclusive, em temas então proibidos. Assim, percebemos que a promiscuidade relatada na obra “Germinal” revela a condição de vida por qual passavam todos os personagens. Era inevitável, no entanto, em decorrência da falta de condições, que todos fossem obrigados a dormir misturados uns com os outros, homens, mulheres e crianças; tomando banho todos numa mesma tina para que se aproveitasse a água e trocando de roupa sem importar-se com a nudez. Os pais mantinham relações sexuais na frente de seus filhos, em cenas grotescas bem ao gosto naturalista. Os jovens e as crianças brincavam rolando pelo chão repetindo as cenas vistas por eles na noite anterior, imitando seus pais fazendo amor. As adolescentes perdiam sua virgindade em troca de qualquer objeto que lhes trouxesse satisfação, como a compra de uma fita de cabelo para se enfeitar como foi o caso de Catherine. As pessoas se agrediam verbalmente e tal procedimento era visto por todos como natural, não havendo o sentimento de constrangimento entre eles.

A Revolução Industrial iniciada no século XVIII, entra numa nova fase, caracterizada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade. Se por um lado o capitalismo se estrutura em moldes modernos, com o surgimento de grandes complexos industriais; por outro, a massa operária urbana avoluma-se formando uma população marginalizada que não partilha dos benefícios gerados pelo progresso industrial. Essa nova sociedade serve de pano de fundo para uma nova interpretação da realidade, gerando teorias de variadas posturas ideológicas.

Já no século XIX, o socialismo científico de Marx e Engels, começou a ganhar adeptos entre os assalariados, em consequência da grande exploração a que eles eram submetidos nas atividades produtivas, as quais não poupavam nem mesmo mulheres e crianças. As condições de trabalho na mina eram desumanas, insalubres e mal remuneradas. O trabalho infantil e feminino era comum porque contribuía para aumentar renda familiar, visto que cada mineiro recebia uma quantidade de galerias para explorar e sustentar-se. A

remuneração do trabalho infantil e feminino se reduzia a um terço pago pelo mesmo serviço e horas trabalhadas pelos homens. Tal relato fazia parte da estrutura social da época.

Quem mais sofria era Maheu. No alto, a temperatura atingia trinta e cinco graus, o ar não circulava. Para poder ver, ele prendia o lampião num prego perto da cabeça, o que aumentava terrivelmente o calor. Mas era a umidade que aumentava o seu suplício. A rocha porejava água, gotas grossas batiam em seu rosto continuamente, em quinze minutos, ele estava encharcado de água e suor. Nem uma palavra havia sido trocada. Só se ouviam os golpes irregulares da picareta. Todos eles estão negros, cobertos de uma poeira fina, diluída pelo suor que escorria e forma poças. Os mineiros acusavam a Companhia de matar dos operários dentro da mina enquanto a outra metade morria de fome. Étienne escutava, vibrando. A seiscentos metros do solo germinava uma rebelião.

A preocupação com o momento presente tornava-se prioritária, pois a sobrevivência dependia da resolução de seus conflitos e do seu relacionamento com o ambiente que o cercava, de maneira que procuravam enganar a fome que afligia a todos através do alcoolismo. Este era o modo mais rápido e econômico que buscavam para amenizar o sofrimento imediato de todos, pois o álcool tem como princípio anestesiar, momentaneamente, a dor provocada pela mesma. O materialismo observado no romance é uma característica do realismo que leva a negação do sentimentalismo e da metafísica. Percebe-se, no romance, que a esposa de Maheu buscava de todas as formas administrar o dinheiro trazido por todos que trabalhavam na mina, no entanto, poucos resultados eram conseguidos, fazendo com que ela se visse obrigada a pedir nas casas mesmo sentindo-se constrangida. Ela tentava negociar com o vendeiro que oferecia pão em troca de sua filha Catherine, mas este não obteve êxito, pois sua dignidade não permitia expor a filha a tal situação. Esse fato, além de fazer com que a saúde de todos ficasse comprometida, ainda a fez perder uma de suas filhas, vítima da fome, em consequência de anos sem uma alimentação adequada.

Cécile deu roupas para as crianças, e a mulher agradeceu, mas a família precisava de dinheiro: eles tinham que comer. Os Maheu eram orgulhosos, não estavam habituados a mendigar, mas a mulher tentou, sem jeito:

-Não temos nem um centavo, se os senhores nos dessem uma moeda de vinte francos...

- Não, não é o nosso hábito. Nós não podemos.

Cécile dividiu entre as crianças o bolo que a empregada tinha feito, e os Maheu foram embora. No caminhão para casa, a mulher entrou no empório. Estava sem crédito, pois devia sessenta francos havia dois anos, mas implorou tanto que conseguiu dois, mas implorou tanto que conseguiu dois pães, café, manteiga e uma

moeda de vinte francos: Maigrat, o proprietário, emprestava dinheiro a juros. Ele queria que os juros fossem pagos por Catherine. A mulher compreendeu muito bem quando ele disse que mandasse a filha fazer as compras. Ele que se atrevesse... Catherine lhe daria uma bofetada!

Com a Revolução Francesa, inicia-se a queda da aristocracia e a elevação da burguesia à condição de classe dominante. Depois de muitas reviravoltas, com o Império de Napoleão Bonaparte, de 1799 a 1815, e o restabelecimento da monarquia de perfil mais conservador, na figura do rei Carlos X, de 1824 a 1830, a república parecia se firmar com a forma de governo da França, após a revolução de 1848.

Em dezembro de 1848, Luís Napoleão Bonaparte (sobrinho do imperador famoso) era eleito presidente da República, em meio a grandes esperanças. Três anos depois, porém, Luís Napoleão Bonaparte liderou um golpe de Estado, e em 1852 se proclamou imperador, após um plebiscito, com o nome de Napoleão III. (embora a França nunca tenha sido governada por nenhum Napoleão II, este foi o título dado a Francisco Carlos José Bonaparte, que morreu jovem e era filho do primeiro imperador francês, Napoleão Bonaparte, ou Napoleão I.) O período de governo de Napoleão III, de 1852 a 1870, constituiu na França o segundo império.

O novo imperador buscou centralizar o poder e governou de forma autoritária até 1860. A progressiva industrialização do país na época, que por um lado propiciou o desenvolvimento econômico, por outro trouxe a miséria para um contingente cada vez maior de operários e suas famílias. A partir de 1860, e até o fim de seu governo, 1870, com o fortalecimento e a união das oposições, Napoleão III adotou uma postura mais liberal. Procurou apoio nos partidos de esquerda e afastou-se dos políticos mais conservadores. No entanto, não se fez sentir melhora alguma na situação econômica, e a insatisfação das classes desfavorecidas era crescente. É nesse período que se situa *Germinal*: como vimos, a ação do livro se passa entre 1860 e 1867, no nordeste da França.

Nesse meio tempo, tanto a progressiva industrialização como à situação de descontentamento eram gerais também nos outros países principais da Europa. Entre as

manifestações de protesto, a que mais repercutiu foi a fundação, em Londres, da Associação Internacional dos Trabalhadores (mais tarde conhecida como I Internacional), sob a direção de Karl Marx, 1864.

Em julho de 1870, Napoleão III declarou guerra à Prússia (atual Alemanha). A derrota veio em setembro, e no dia quatro desse mês a República foi novamente proclamada em Paris. Em meio de uma fase de grande agitação, em 18 de março de 1871 estourou a revolução popular da Comuna de Paris, que contou com adesão das maiores cidades francesas (Lyon, Marselha e Toulouse), onde o movimento foi rapidamente reprimido. De 21 a 28 ocorreu em Paris a chamada “semana sangrenta”(matou-se mais gente do povo durante a comuna do que se executaram nobres no período do terror da Revolução Francesa), em que as forças do governo aniquilaram essa nova tentativa de revolução popular.

O general Mac-Mahon, chefe do exército que derrotou a comuna, foi eleito presidente em 1873, após uma tentativa fracassada de restauração da monarquia. Seguiu-se outro período de distúrbios, com a representação férrea de qualquer tipo de revolução (até a anistia de 1880), e mais uma tentativa de volta à monarquia. Porém, com a instituição de leis constitucionais republicanas (1875), a França assistiu a uma fase de avanços, com a reforma do ensino e a legislação da liberdade de imprensa e de reunião.

Em 1885, depois desse intervalo de calma, explodiu uma grande crise, com a recessão econômica e agrícola gerando novos e graves distúrbios sociais, acompanhados da desordem política.

Analisar e interpretar a sociedade são algumas das características do romance realista. A sociedade de “Germinal” é observada por Étienne, um narrador-personagem da obra que tem como papel observar e interferir nas ações dos outros personagens. Étienne apresenta uma nova forma de trabalhar com o personalismo, cedendo lugar ao universalismo, que vai possibilitar a mudança de mentalidade e mostrar que é possível estabelecer metas e objetivos sociais a fim de juntos sanarem seus problemas. O personagem demonstrava

conhecimento intelectual maior do que todos que conviviam na mina, utilizando-o para começar gradualmente a motivar e incentivar uma rebelião, com o objetivo de denunciar à sociedade da época o que estava se passando naquele momento com os mineradores do nordeste da França, na cidade de Marchiennes, na mina de Montsou, Voreux. Além de Étienne, havia entre eles outro personagem engajado no movimento (socialista). Suvarin, um russo que estudara medicina em São Petersburgo, militante do socialismo, tinha se decidido pela profissão de mecânico por ser ela manual, conseqüentemente o conduzindo para mais próximo do povo, tendo além disso participado de um atentado fracassado ao czar. Étienne e Suvarin começam a manter diálogos sobre o movimento que estava surgindo em Londres e numa dessas conversas, Étienne revela que conhece Pluchart e que mantém correspondência com o mesmo, que lhe transmite os acontecimentos a serem semeados sobre as idéias políticas.

Dessa vez os três homens concordaram. Os operários não podiam mais suportar a Revolução Francesa só tinha agravado para eles, somente os burgueses vinham lucrando desde 1789. Era preciso dar fim àquilo, por bem ou por mal. A nova geração certamente o faria, se a atual não o fizesse; o século não podia terminar sem outra revolução, agora a dos trabalhadores, uma revolta que mudaria radicalmente a sociedade e a reconstruiria com mais justiça.

Boa Morte vê tudo com desconfiança, pois na sua época o mineiro vivia como animal, enterrado na mina, sem se dar conta do que acontecia. Ninguém nunca havia se preocupado com o que estava acontecendo, porém com as novas idéias que surgiram, os mineiros se encheram de esperança. Esta lhes permitiu pensar, contudo não agiram com medo de represálias. Desde a Revolução Francesa imperava a desigualdade, e as grandes empresas tinham tomado conta de tudo; agora não havia mais nem as antigas garantias. O momento histórico estava intimamente ligado às características do realismo, refletindo dessa forma o socialismo científico de Marx e Engels, definindo o materialismo histórico e defendendo a luta de classes.

A partir deste momento os mineiros passaram a reivindicar seus direitos, decidindo se associar ao partido da Internacional, buscando desta forma assegurar seus direitos na

conquista das reivindicações quanto às condições de vida e salariais. No entanto, as forças não foram suficientes para enfrentar o poderio econômico. A greve foi feita e liderada por Étienne, um revolucionário que tinha por objetivo de vida propagar as idéias socialistas e divulgar a Associação Internacional dos Trabalhadores. Porém, o mesmo não tinha conhecimento suficiente para negociar com os patrões, sendo assim desmoralizado e acusado de colocar todos em risco numa causa que ainda não tinha sido suficientemente trabalhada para obter êxito. Na obra “Germinal” ocorre o falecimento de várias personagens: Maheu, Catherine (seu grande amor), Zacharie e Alzire, frutos desta revolução que momentaneamente fora prorrogada, pois todos que lutaram para obtenção dos resultados tiveram que aguardar mais um pouco até que seus direitos fossem conseguidos, ficando demonstrado que tudo era uma questão de tempo.

A Maheu começou a falar com tranquilidade de seus mortos, de seu homem, de Zacharie, de Catherine; seus olhos se encheram de lágrimas quando ela pronunciou o nome Alzire. Voltara a ser mulher razoável que era, julgava os fatos com sabedoria. Aquela matança não daria sorte aos burgueses, disse. Certamente, seriam punidos um dia, pois tudo se pagava. Não devia se preocupar, o negócio explodiria sozinho, os soldados atirariam nos patrões como tinham atirado nos operários. E naquela resignação secular surgia uma mudança: a certeza de que a injustiça não podia durar para sempre.

O nome oficial da organização hoje conhecida como primeira Internacional foi Associação Internacional dos Trabalhadores. Fundada em Londres, em 28 de setembro 1864, seu principal líder era o filósofo Alemão Karl Marx, autor de O Capital e do Manifesto Comunista (este, em parceria com Friedrich Engels). A Internacional tinha por objetivo central promover a ajuda mútua entre os operários, assim como “o progresso e a libertação da classe operária”.

A associação Internacional somente poderia ser realizada pelos próprios trabalhadores, e assim nos três anos seguintes abriram-se filiais na Bélgica e na Suíça. Seu reduzido crescimento, porém, impedia que a organização se ampliasse em países importantes como a Inglaterra e a Itália. Com o tempo, como ela pôde sustentar algumas greves significativas, conseguiu se implantar a Internacional na Espanha (1868) e na Prússia (1869).

A guerra entre França e Prússia (Alemanha) praticamente interrompeu suas atividades. A repressão à Comuna de Paris prejudicou seriamente as ações da Internacional. A rivalidade cada vez maior entre os militantes anarquistas e os comunistas no seio da associação acabou por enfraquecê-la de forma definitiva. O líder anarquista russo Bakunin foi expulso da Primeira Internacional 1872, e o conselho geral passou a ser dominado pelos marxistas.

No mesmo ano, mudou-se a sede da organização para Nova York. Havia grandes esperanças para a causa operária num país em que a indústria se desenvolvia tanto como os EUA, mas um congresso em Filadélfia, no ano de 1876, concluiu pelo inevitável: a autodissolução da Primeira Internacional. Os anarquistas, que por outro lado também tinham tentado manter viva sua própria versão da associação, fizeram o último congresso na França, em 1880.

As idéias de Karl Marx e Friederich Engels levaram a uma total modificação do caminho que vinha sendo percorrido pelas idéias socialistas e constituíram a base do socialismo moderno. Apesar de obras anteriores, é o Manifesto do Partido Comunista que inova definitivamente o ideário socialista. A partir de sua publicação em 1848, tanto Marx como Engels aprofundam e detalham, em suas demais obras, suas concepções sobre a nova sociedade e sobre a história da humanidade. (MARTINS, 2000, p.29.).

O Socialismo Científico desenvolvido pelos filósofos Marx e Engels, defendem a socialização dos meios de produção e a dissolução do Estado e do capital privado, ou seja, a destruição do próprio capitalismo. Esses autores estudaram profundamente a sociedade capitalista, podendo assim compreender intimamente seu funcionamento. Desse modo, produziram um verdadeiro “método” baseado no materialismo histórico, para construir o movimento que derrubaria a burguesia e implantaria o socialismo. Na obra, Étienne divulga as idéias socialistas que eram repassadas por Pluchart e que faziam parte da Associação Internacional, manifestando a possibilidade de mudança na sociedade capitalista, onde era possível ter justiça e com isso o fim das fronteiras entre proletariado e burguesia, além da união dos operários, que asseguraria os salários com leis justas.

A importância da obra de Zola para a época está em denunciar os aspectos sociais e trabalhistas ocorridos no século XIX, quando os operários criaram instituições sociais de proteção às impunidades ocorridas sobre os mesmos. Tal trabalho literário também foi essencial por apresentar personagens excluídas pela sociedade, humildes, com os problemas e vícios decorrentes do meio ambiente, o qual descreve muito bem o cotidiano da época e o dia-a-dia de uma mina, percebendo-se nitidamente a preocupação com as classes marginalizadas da sociedade.

A obra mostra os grupos marginalizados se reunindo, juntando forças e se organizando em movimentos para conquistar melhores condições de trabalho. Esses movimentos foram as lutas de classes, como por exemplo a “Segunda Internacional”, criado de 14 a 21 de julho de 1889 pelo Partido Social Democrata Alemão, conseguindo reunir representantes de 23 países em Paris, sendo que sua grande medida foi marcar um protesto mundial para o dia 1º de maio de 1890 em favor da jornada de oito horas de trabalho. Mais tarde, foi essa data consagrada pelos operários como o Dia Internacional do Trabalho.

Neste contexto sociopolítico-científico surgem o Realismo e o Naturalismo, permitindo aos escritores outra forma de abordar a realidade, menos idealizada que a romântica e mais objetiva, crítica e participante. Contudo, o Realismo da Segunda metade do século XIX preconiza maior aproximação com a realidade, o relacionamento homem e mulher, as relações sociais, os conflitos interiores do ser humano e a crise das instituições (Estado, Igreja, Família, Casamento). A selvageria é mostrada sem limites e sem censura, de forma objetiva e clara, com personagens colocando toda a sua indignação diante dos acontecimentos, como por exemplo o falecimento de “Maigrat”, que morreu fugindo de uma multidão que queria pegá-lo. Logo após o mencionado personagem cair do telhado e morrer, a multidão coloca areia em sua boca e corta-lhe seu órgão sexual, com sua mulher assistindo a tudo da janela, impotente diante dos acontecimentos. A igreja é também citada em algumas partes da obra, como quando o padre tenta arrebanhar novos cristãos, mas o que consegue é

tão somente um grande questionamento da senhora Maheu. Esta o indaga sobre o seu Deus, que permite que seus filhos morram de fome, enquanto alguns poucos têm muito mais do que necessitam. Vendo todo aquele sofrimento, o pároco se alia ao grupo para reclamar mais justiça, e a igreja retrocede no impasse porque é aconselhada a não se manifestar diante da situação. O pároco desta paróquia termina sendo transferido por questões financeiras, mostrando que, mais uma vez, o dinheiro interferiu num determinado acontecimento.

Deste modo, a obra “Germinal” de Émile Zola apresenta o retrato de uma sociedade na qual a exploração do homem é mostrada de forma bastante realista, carregada ainda de traços naturalistas.

A sociedade européia da segunda metade do século XIX vive os efeitos da Revolução Industrial e do amplo progresso científico e tecnológico que a acompanha, tais como a substituição do ferro pelo aço e do vapor pela eletricidade; o desenvolvimento da maquinaria automática, dos transportes e das comunicações; o aprimoramento da estrada de ferro; e as primeiras experiências com automóveis (Triciclos motorizados). É uma época de progresso material, de benefícios econômicos para a burguesia industrial, no entanto o operariado vive um período de intensa crise e miséria.

No ano de 1848, em vários países Europeus, como Itália, Alemanha e França, ocorreram intensas conturbações sociais. Eram movimentos de origem popular, com idéias liberais, nacionalista e socialista. Estas idéias transportam para outro movimento precursor que foi a Revolução Francesa (1820 a 1848), que segundo Spindel, Arnaldo (2000,p.20) (...)que traz consigo um aumento considerável das idéias socialistas e que dá, definitivamente consciência de seu caráter de luta política real pela modificação das estruturas sociais vigentes(...). No mesmo ano é publicado o manifesto comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels, em que se defendia que o socialismo científico (sistema no qual existiria uma sociedade igualitária, sem a exploração do homem pelo próprio homem), só seria alcançado por meio da luta de classes que tivesse por alvo a burguesia e o sistema capitalista. Tal teoria

contrapunha-se às idéias do socialismo utópico, de Robert Owen, Proudhon e outros, que acreditavam na possibilidade de se chegar a uma organização comunista sem luta de classes.

Na verdade, a sociologia, sempre foi algo mais do que uma mera tentativa de reflexão sobre a sociedade moderna. Suas explicações sempre contiveram intenções práticas, um forte desejo de interferir no rumo desta civilização. Se o pensamento científico sempre guarda uma correspondência com a vida social, na sociologia esta influência é particularmente marcante.(MARTINS,2000,p.8)

Os sociólogos contribuem para manter ou alterar as relações de poder existentes na sociedade. O pensamento sociológico é influenciado pela elaboração dos interesses econômicos e políticos dos grupos e das classes sociais, procurando apresentar a dimensão política da sociologia, a natureza e as conseqüências de seu envolvimento nos embates entre os grupos e as classes sociais. Além disso, refletem em que medida os conceitos e as teorias produzidas pelos sociólogos contribuem para manter ou alterar as relações de poder existentes na sociedade.

Segundo Lucien Goldmann a sociologia do romance é a relação entre a sociedade individualista e o gênero literário romanesco. Se a Sociologia é a ciência que estuda as sociedades, a Sociologia do romance estudaria o gênero literário dentro da perspectiva de sua relação social. Deveria existir uma relação entre uma sociedade produtora como uma sociedade de massa.(EAGLETON, 2003, p.28)

O romance deve exprimir uma consciência coletiva, mas não autônoma. Esta consciência coletiva se dá no comportamento global dos indivíduos membros da sociedade. A obra literária é uma conscientização e concretização das tendências. A relação entre o pensamento coletivo e as criações artísticas não reside na identidade de conteúdo, mas na estrutura.

O que se passa na sociedade é visto no romance de forma direta ou indireta, pois o caráter social do mesmo não pode estar desligado da sociedade. A estrutura do romance só pode ser elaborada de forma coletiva; portanto o que o autor pode fazer é dar coerência às idéias do grupo e transportá-las para um plano de criação artística.

“Germinal” foi publicado em 1885, entretanto os acontecimentos narrados no livro estão situados entre 1866 e 1867, datas que marcam o auge de um período de grandes

agitações sociais em toda a Europa, mais em especial na França.(Zola, Émile, 2000, p.50), através do personagem Étienne, revolucionário que tinha por objetivo de vida propagar as idéias socialistas e divulgar a Associação Internacional dos Trabalhadores .

O nome oficial da organização hoje conhecida como primeira Internacional foi associação Internacional dos Trabalhadores. Fundada em Londres, em 28 de setembro 1864, seu principal líder era o filósofo Alemão Karl Marx, autor de O Capitalismo e do Manifesto Comunista (este, em parceria com Friedrich Engels). A Internacional tinha por objetivo central promover a ajuda mútua entre os operários e a libertação da classe operária, assim como “o progresso e a libertação da classe operária”. (SALERMO, 2000, p.249)

Os naturalistas criaram o romance experimental ou o romance de tese, em que são “provadas” certas teorias no laboratório humano de ficção: o romance. Frequentemente são realçados certos traços instintivos e patológicos do ser humano, identificando-o como um animal. O enfoque é dado preferencialmente aos aglomerados humanos e às camadas mais pobres da população. Observa-se na obra uma perfeita sintonia do passado com o presente, pois apesar de ter se passado três séculos, há uma contemporaneidade nos fatos acontecidos. Isto ocorre porque a história parece sempre se repetir, com as infindáveis lutas sociais dos indivíduos sempre de maneira intensa, objetivando a melhoria das relações sociais, que exercem efeitos diretos sobre os laços de família e sobre os vínculos de amizade.

A obra produzida por Émile Zola não teve o objetivo de ultrapassar os tempos, mas o tornou imortal, pois fez com que o homem refletisse sobre as relações humanas, tentando estreitá-las. Hoje, os operários, ao fazerem uma proposta de greve, procuram tomar decisões, visando buscar várias alternativas para se defenderem das possíveis represálias. As negociações são feitas até se esgotarem, pois o operário sabe que a greve serve para alertar os empresários, a sociedade e o governo de que algo não vai bem naquele setor, e assim, procura buscar alternativas para sanar os problemas existentes. O mesmo continua reivindicando melhores condições de trabalho e salários mais dignos.

Assim, podemos concluir que, visto sobre esta ótica, pode-se comparar os movimentos sociais da obra com os de qualquer parte das regiões brasileiras ou de outros

países do mundo, apesar da velocidade das mudanças que a modernização implanta em todas as áreas, principalmente na do Direito do Trabalho. A obra mostra ainda muitos operários vivendo em péssimas condições laborais, além de expor e denunciar o elevado número de crianças trabalhando, fato que se mostrava importante e necessário para contribuir na renda familiar. Deste modo, deduzimos que, quanto mais tempo as mudanças sociais tardam a chegar, mais se favorece o crescimento da exclusão social e o empobrecimento das camadas de menor poder aquisitivo.

REFERÊNCIAS

ZOLA, Émile. **Germinal: Tradução , adaptação e apêndice** Silvana Salermo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é Socialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MARTINS, Carlos B. **O que é Sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BUZÚIEV, V.; GORODVOV, V. **Que é o Marxismo – Leninismo?** Tradução k. Asryonts. Moscovo: Progresso, 1987.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura. Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOTA, Antônio Pedro. **História Geral**. São Paulo, Nova Cultura, Ltda, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária** – 8ª ed.- São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.